26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

EXISTE UMA BIBLIOTECONOMIA NEGRA NA COLÔMBIA?
APROXIMAÇÃO CONCEITUAL A PARTIR DE UMA PESQUISA EM CURSO

IS THERE A BLACK LIBRARIANSHIP IN COLOMBIA?
CONCEPTUAL APPROACH FROM AN ONGOING RESEARCH

Natalia Duque-Cardona – Universidade de Antioquia (UdeA)
Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva – Universidade Federal do Pará (UFPA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo apresenta os fundamentos conceituais de uma pesquisa mais ampla sobre Biblioteconomia Negra na Colômbia, organizada em cinco fases metodológicas: (1) marco conceitual e epistemológico; (2) rastreamento arquivístico e histórico; (3) trabalho de campo com instituições e atores contemporâneos; (4) análise crítica da Ciência da Informação colombiana; e (5) síntese e produção. Correspondendo à Fase 1, este trabalho emprega análise documental da literatura internacional sobre Biblioteconomia Negra dos Estados Unidos e do Brasil, bem como de estudos afrocolombianos sobre gestão do conhecimento, com o objetivo de propor uma definição operacional de Biblioteconomia Negra para o contexto colombiano. A análise evidencia que, embora o campo não tenha sido nomeado como tal na Colômbia, suas práticas constitutivas (gestão, preservação e transmissão de conhecimento por pessoas negras desde epistemologias negro-africanas e afrodiaspóricas) estiveram presentes ao longo da história do país, em espaços formais e não formais. A definição proposta integra quatro dimensões: prática histórica de gestão documental por pessoas negras; fundamento em epistemologias negro-africanas e afrodiaspóricas; dimensão crítica frente às estruturas raciais dos sistemas de informação; e produção de conhecimento acadêmico situado nessas epistemologias. Propõe-se, como hipótese a ser testada nas fases subsequentes, que nomear este campo constitui, em si mesmo, um ato de reparação epistêmica.
Palavras-chave: Biblioteconomia negra – Colômbia; Ciência da informação; epistemologias afrodiaspóricas; afrocolombianos; epistemologias negro-africanas.

Abstract: This article presents the conceptual foundations of a larger research project on Black Librarianship in Colombia, organized in five methodological phases: (1) conceptual and epistemological framework; (2) archival and historical tracing; (3) field work with living institutions and contemporary actors; (4) critical analysis of Colombian Information Science;

and (5) synthesis and knowledge production. Corresponding to Phase 0, this work employs documentary analysis of international literature on Black Librarianship from the United States and Brazil, as well as Afro-Colombian studies on knowledge management, with the aim of proposing an operational definition of Black Librarianship for the Colombian context. The analysis shows that, although the field has not been named as such in Colombia, its constitutive practices (the management, preservation, and transmission of knowledge by Black people grounded in Negro-African and Afrodiasporic epistemologies) have been present throughout Colombian history, in both formal and non-formal spaces. The proposed definition integrates four dimensions: historical practice of documentary management by Black people; foundation in Negro-African and Afrodiasporic epistemologies; critical questioning of racial structures in information systems; and production of situated academic knowledge from these epistemologies. It is concluded that naming this field constitutes an act of epistemic reparation.
Keywords: Black librarianship - Colombia; information science; afrodiasporic epistemologies; Afro-Colombians.

1 INTRODUÇÃO

A pergunta que intitula este trabalho não é retórica; trata-se de um questionamento que emerge de um projeto de pesquisa com um propósito duplo: por um lado, identificar as pessoas *Negras, Afrocolombianas, Palenqueras e Raizales* (NARP) que ao longo da história da República Colombiana geriram, preservaram e produziram conhecimento biblioteconômico nessa nação; e, por outro, identificar a produção acadêmica em Ciência da Informação (CI) com perspectiva negra ou afrodiaspórica no país.

Este trabalho corresponde à Fase 1 do projeto de pesquisa *Existe uma Biblioteconomia Negra na Colômbia?*, organizado em cinco etapas metodológicas, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Fases do projeto de pesquisa *Existe uma Biblioteconomia Negra na Colômbia?*

Fase	Propósito
Fase 1 - Marco conceitual e epistemológico	Propor uma definição operacional de Biblioteconomia Negra para o contexto colombiano, fundada em epistemologias negro-africanas e afrodiaspóricas, a partir da análise comparada das tradições do campo nos Estados Unidos e no Brasil.
Fase 2 - Rastreamento arquivístico e histórico	Rastrear, em fontes arquivísticas e históricas do período colonial até meados do século XX, as pessoas negras e afrocolombianas que exerceram práticas de coleta, organização, preservação e transmissão de conhecimento, tanto em espaços institucionais quanto não institucionais.
Fase 3 - Trabalho de campo com	Caracterizar o campo contemporâneo da Biblioteconomia Negra na Colômbia, identificando os atores, instituições e iniciativas que

instituições e atores contemporâneos	gerenciam conhecimento desde perspectivas afrocêntricas ou afrodiaspóricas.
Fase 4 - Análise crítica da CI colombiana	Examinar a produção acadêmica colombiana em Ciência da Informação para documentar a presença ou ausência de uma perspectiva negra ou afrodiaspórica na disciplina, e identificar os fatores estruturais que explicam essa condição.
Fase 5 - Síntese, triangulação e produção	Triangular os achados das quatro rotas de pesquisa para produzir conhecimento acadêmico situado sobre a Biblioteconomia Negra na Colômbia e formular recomendações para seu reconhecimento institucional no campo disciplinar.

Fonte: elaboração própria (2026).

Cada fase tem objetivos, técnicas e produtos próprios, embora todas convirjam em uma pergunta orientadora: quem foram as pessoas negras que geriram, preservaram e produziram conhecimento biblioteconômico na Colômbia, e por que permaneceram invisíveis nos registros da disciplina? No marco desta etapa inicial, o objetivo desta pesquisa é propor uma definição preliminar de Biblioteconomia Negra Colombiana, a partir da análise comparada das tradições estadunidense e brasileira do campo, e de seu diálogo com a realidade histórica e cultural das comunidades NARP com base em um exercício inicial de revisão documental; por isso, ressaltamos que esta definição pode se transformar ao longo do tempo.

A hipótese que sustenta a pesquisa é que a Biblioteconomia Negra Colombiana existiu como prática e ofício sem ser nomeada, e que seu desenvolvimento, sistematização e formulação constituem um ato de reparação epistêmica. Para sua apresentação, este trabalho está estruturado em seis partes. Inicialmente, revisamos o desenvolvimento do campo nos Estados Unidos e no Brasil; a seguir, apresentamos uma breve caracterização das condições particulares da Colômbia em relação aos povos NARP; descrevemos os procedimentos metodológicos da Fase 1; propomos uma definição para a Biblioteconomia Negra Colombiana, enumerando seus elementos constitutivos e aplicando-a a experiências concretas em Colômbia. Por fim, apresentamos considerações parciais sobre suas implicações para a CI colombiana.

2 *BLACK LIBRARIANSHIP* NOS ESTADOS UNIDOS: O CAMPO QUE NOMEOU A EXCLUSÃO

A seguir, apresenta-se os fundamentos teórico-epistemológicos deste trabalho.

2.1 A BIBLIOTECONOMIA E SUAS EXCLUSÕES CONSTITUTIVAS

A Biblioteconomia constituiu-se historicamente como campo dedicado à organização, preservação e mediação do conhecimento registrado, mediante instrumentos próprios

(sistemas de classificação, catalogação, indexação, curadoria de acervos e serviços de referência). Contudo, essa constituição não foi neutra: os sistemas de classificação bibliográfica de maior circulação, os cânones do que merece ser colecionado e a própria definição de documento consolidaram-se a partir de uma matriz eurocêntrica, letrada e escrita, que subalternizou outras formas de registro e organização do conhecimento — entre elas, as orais, territoriais e rituais próprias das comunidades negras. Reconhecer que o campo se formou sobre um universo de exclusões é o ponto de partida para indagar como pessoas e comunidades negras exerceram, apesar dessa exclusão, funções biblioteconômicas próprias, e como seus instrumentos — a memória oral organizada, o acervo comunitário, a transmissão intergeracional regulada — dialogam ou disputam com os instrumentos convencionais do campo.

O movimento da Biblioteconomia Negra provém dos Estados Unidos no contexto da segregação racial legalizada. Especificamente, a exclusão dos bibliotecários negros das associações profissionais brancas, entre elas, *a American Library Association* (ALA), impulsionou a partir da década de 1960 a formação de um movimento que reivindicava tanto a presença de profissionais negros no campo quanto o direito das comunidades afro-americanas ao acesso equitativo aos serviços de informação (Josey, 1970; Garcês-da-Silva, 2019, 2023).

A obra *The Black Librarian in America* (Josey, 1970) pode ser considerada a primeira obra a denunciar o racismo estrutural existente na sociedade estadunidense, bem como a discriminação profissional que existiu após avanços legislativos da década de 1960. Organizada por E. J. Josey em 1970, reúne vinte e cinco ensaios, separados em cinco seções, que examinam a trajetória e os desafios de pessoas bibliotecárias negras nos Estados Unidos. Através de relatos, as autorias discutem a busca por identidade, denunciam a falta de oportunidades de atuação como profissionais, a dificuldade de serem promovidos nos seus espaços de trabalho bibliotecário e a exclusão em associações profissionais de classe, como a já mencionada ALA. O livro serve como um registro histórico sobre a luta contra a desigualdade racial dentro das instituições culturais americanas, como bibliotecas e universidades, bem como se configura como uma das obras fundacionais para a Biblioteconomia Negra por ter articulado de forma sistemática a experiência coletiva de pessoas bibliotecárias negras na biblioteconomia estadunidense (Josey, 1970).

Na sequência, Josey (1972) compilou em *What Black Librarians Are Saying* novas vozes e impulsionou a criação do *Black Caucus of the American Library Association* em 1970,

institucionalizando a representação política de pessoas bibliotecárias negras. Um referente paralelo de enorme relevância é Arturo Alfonso Schomburg, bibliógrafo afrodescendente cuja coleção privada de documentos sobre a diáspora africana se tornou o núcleo do *Schomburg Center for Research in Black Culture* de Nova York. Seu trabalho de coletar, organizar e preservar conhecimento negro, quando nenhuma instituição pública o considerava valioso, representa um modelo de Biblioteconomia Negra *avant la lettre*: uma prática comunitária e politicamente consciente de gestão do conhecimento afrodiaspórico (Sinnette, 1989). O que o contexto estadunidense revela é que a Biblioteconomia Negra é, ao mesmo tempo, um movimento profissional, uma crítica institucional e uma prática de preservação da memória afrodiaspórica, via práxis bibliotecárias.

2.2 BIBLIOTECONOMIA NEGRA NO BRASIL: A TEORIZAÇÃO LATINO-AMERICANA

O Brasil tem sido, para a América Latina, uma referência na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. Em relação especificamente à Biblioteconomia Negra, foi a professora Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva (2019), em sua dissertação de mestrado, quem introduziu o termo no país, ao traçar os elementos que consolidaram a *Black Librarianship* nos Estados Unidos como movimento antirracista e explorando sua pertinência para o contexto latino-americano.

O desenvolvimento posterior do campo incorporou outros marcos teóricos (Garcês-da-Silva, 2023, 2025) e ampliam seu alcance por meio de outros pesquisadores, como Silva e Sales (2024), que propõem a interseccionalidade desenvolvida por Crenshaw (1989) e Collins (2000) como ferramenta analítica para uma Biblioteconomia que promova a equidade e a justiça social, ao inferir que as experiências de exclusão no campo acionam marcadores de gênero, classe e território. No entanto, ressaltamos que esse marco teórico faz parte dos referenciais extrateóricos que fundamentam a proposta epistemológica Ciências da Informação desde Abya-Yala desenvolvida por Duque-Cardona, no marco do paradigma intercultural-anticolonial.

Para o Brasil, Garcês-da-Silva (2025) diferencia entre Biblioteconomia Negra e Biblioteconomia Antirracista: a primeira é constituída *por* e *desde* as experiências e epistemologias das pessoas bibliotecárias negras, enquanto a segunda pode ser praticada por qualquer profissional comprometido com a eliminação do racismo no campo. Essa diferenciação conceitual é nuclear para se pensar a Colômbia, onde a ausência de um campo explicitamente nomeado não equivale à ausência de práticas. Assim, as contribuições brasileiras também são metodológicas, uma vez que instalam a necessidade de perguntar quem produz o conhecimento

sobre as comunidades negras, desde qual lugar epistemológico e com qual reconhecimento institucional.

2.3 POPULAÇÃO NEGRA NA COLÔMBIA: CONDIÇÕES ESTRUTURAIS E ACESSO À INFORMAÇÃO

Para compreender a necessidade de nomear e construir uma Biblioteconomia Negra na Colômbia, partimos dos dados mais recentes sobre quem são, quantas são e em que condições vivem as pessoas que se autorreconhecem como NARP no país. Essas informações, mais do que contextuais em relação à população vinculada à pesquisa, constituem sua condição de possibilidade.

Segundo a Encuesta Nacional de Calidad de Vida (ECV) do Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE, 2025), aproximadamente 3 milhões 737 mil pessoas se autorreconhecem como NARP na Colômbia, o que equivale a 7,1% da população nacional. Sua distribuição geográfica é marcada: a maior proporção em termos absolutos se concentra no Valle del Cauca (821 mil pessoas, 22% do total NARP), Bolívar (477 mil, 12,8%), Antioquia (474 mil, 12,7%), Nariño (438 mil, 11,7%) e Chocó (419 mil, 11,2%). Em termos relativos, Chocó registra a maior proporção, com 74,4% de sua população se identificando como NARP, seguido de San Andrés (57,3%) e Nariño (26,8%) (DANE, 2025). Dois aspectos desse perfil demográfico são especialmente relevantes para a Biblioteconomia Negra: a marcada presença em centros *poblados* e rural disperso, onde reside mais de um terço da população NARP (36,8%), e a heterogeneidade interna, que exige reconhecer que a experiência de fazer parte dessa população em Medellín, em Quibdó ou em *San Basilio de Palenque* não é equivalente.

Os dados da ECV 2024 revelam um padrão consistente de desigualdade estrutural que afeta diretamente o acesso à informação e ao conhecimento. Apenas 51,3% dos domicílios com chefe NARP tem acesso à internet, com uma profunda lacuna entre cabeceiras municipais (59,7%) e zonas rurais (36,6%), sendo Chocó e La Guajira os departamentos com as menores taxas de conectividade, inferiores a 35% (DANE, 2025). O acesso a computadores, ferramenta fundamental para o uso de bibliotecas digitais e repositórios acadêmicos, alcança apenas 26,7% na população NARP de 5 anos ou mais.

As desigualdades se aprofundam em outros indicadores: o comparecimento escolar entre jovens NARP de 17 a 21 anos é de apenas 48,9%, o déficit habitacional alcança 51,5% e a insegurança alimentar moderada ou grave afeta 41,3% dessa população (DANE, 2025). Esses indicadores confirmam que mais da metade dos jovens negros colombianos em idade

universitária não acessa o ensino superior e, consequentemente, tampouco as bibliotecas universitárias.

Esses indicadores não são dados isolados; se configuram na expressão quantificada do racismo estrutural que, desde a Colônia, determinou as condições materiais de vida das comunidades NARP. O mesmo racismo que as excluiu das instituições biblioteconômicas formais e que, paradoxalmente, as impulsionou a construir suas próprias formas de gestão e preservação do conhecimento e que, ao mesmo tempo, manteve muitas delas fora do sistema de ensino superior e, portanto, sem a oportunidade de se formarem nos campos das Ciências da Informação. Essas últimas considerações constituem o ponto de partida da Biblioteconomia Negra na Colômbia.

2.4 O CONTEXTO COLOMBIANO: UMA AUSÊNCIA QUE FALA

Diferentemente do Brasil e dos Estados Unidos, a Colômbia não conta com um campo explicitamente denominado Biblioteconomia Negra, o que não significa que as práticas constitutivas do campo estejam ausentes. É muito provável que o que tenha faltado seja o nome, e essa ausência exige explicação.

Restrepo (2005) aponta que na Colômbia existe um temor histórico em insistir em uma identidade negra, o que tem limitado a visibilização das contribuições de pessoas afrocolombianas em distintos campos do conhecimento, tanto pela discriminação racial quanto pela priorização da cultura escrita sobre a cultura oral. Por exemplo, as memórias sobre Benkos Biohó fazem parte das tradições ancestrais conservadas pelos habitantes do Palenque de San Basilio e que há alguns anos começaram a se tornar mais amplamente conhecidas. Ou o que dizer dos bogas do Magdalena, trabalhadores negros e ex-cativos livres que navegavam o rio Magdalena e tinham uma tradição oral muito rica quanto aos cantos de trabalho, décimas e relatos, recolhidos por Candelario Obeso, primeiro poeta negro a publicar um título na Colômbia, cuja obra central é *Cantos populares de mi tierra* (1877). Ou as tradições do Pacífico colombiano: os alabaos, os chiguaos, o lumbalú, a décima, as narrações da tunda, o riviel, o duende, essa palavra falada que manteve a tradição das comunidades negras da Colômbia. Essa exclusão da pessoa negra e do oral afetou a Ciência da Informação, haja vista que a *Revista Interamericana de Bibliotecología*, principal publicação colombiana do campo com 50 anos ininterruptos de publicação, não registra artigos que abordem a raça como categoria analítica da prática biblioteconômica. Essa afirmação, de caráter preliminar nesta fase, baseia-se em uma

busca exploratória no acervo digital da revista pelos termos raça, negro, afro, afrocolombiano, étnico e decolonial nos títulos, resumos e palavras-chave; sua verificação sistemática — abrangendo os cinquenta anos de publicação com registro do procedimento, dos termos e dos critérios de classificação — constitui tarefa específica da Fase 4 da pesquisa.

Não obstante, em tempos recentes existem várias iniciativas de práticas constitutivas de uma Biblioteconomia Negra colombiana que buscaram, por meio de instituições como o *Ministerio de las Culturas, las Artes y los Saberes* e a Biblioteca Nacional de Colombia, promover coleções que registrem a memória negra no país. A Biblioteca de Literatura Afrocolombiana (Colômbia, 2010), em 18 volumes, reúne produção literária de autorias afrocolombianas dos últimos 200 anos com o propósito explícito de ressignificar o cânone literário nacional.

Outro exercício recente foi a B*iblioteca Afrocolombiana de las Ciencias Sociales* da *Universidad del Valle* (Mina Aragón, 2023), composta por 15 volumes e 27 autores. O *Centro de Información de San Basilio de Palenque* gerencia registros documentais da comunidade com maior tradição cimarrona do país. A *Biblioteca de Mujeres Negras* (#BibliotecadeMujeresNegras) conecta a gestão da memória com a pedagogia feminista negra no continente. E, muito recentemente, vem se configurando no país, no âmbito da *Red Nacional de Bibliotecas Públicas*, a Rede de Bibliotecas Públicas em comunidades étnicas, da qual participam 41 bibliotecas. Embora essas iniciativas não se denominassem a si mesmas Biblioteconomia Negra, dialogam com seus traços constitutivos.

2.5 A NEGREDUMBRE: EPISTEMOLOGIA AFROCOLOMBIANA COMO ANTECEDENTE CONCEITUAL

Se a Biblioteconomia Negra na Colômbia carece de nome, não carece de pensamento, pois existe na tradição intelectual afrocolombiana uma categoria que articula, *avant la lettre*, os fundamentos epistemológicos que este artigo propõe como constitutivos do campo: a negredumbre. A análise do termo realizada por Valderrama Rentería (2016), a partir do pensamento de Rogerio Velásquez Murillo, revela que a negredumbre é um campo semântico em disputa, cujas dimensões permitem compreender as formas próprias de produção, preservação e transmissão do conhecimento nas comunidades negras colombianas.

Em seu uso mais profundo, Manuel Zapata Olivella (1988) desenvolve, em seu ensaio sobre García Márquez, o termo que conecta diretamente com as epistemologias negro-africanas (Garcês-da-Silva, 2023), o que para esta pesquisa propõe um fundamento da

Biblioteconomia Negra colombiana. Para Zapata Olivella, a negredumbre nomeia "essa sombra oculta [...] de que falam os filósofos yorubas e bantus, viva no ritmo, na palavra que aplaude nas invocações aos mortos. Sentimento africano que ilumina nosso olhar mais profundo, a ferida mais dolorosa, o riso mais desafiador" (Zapata Olivella, 1998, p. 108, citado em Valderrama Rentería, 2016, p. 220). Ao invocar explicitamente as filosofias yorubas e bantus como substrato da negredumbre colombiana, Zapata Olivella afirma a continuidade epistemológica entre a África e as comunidades negras do Pacífico e do Caribe.

No pensamento de Rogerio Velásquez Murillo, a negredumbre adquire o que Valderrama Rentería (2016) denomina a dimensão de oraliteratura afropacífica, um conjunto de práticas religiosas, musicais e narrativas mediante as quais as comunidades negras do Pacífico constroem e transmitem sua memória coletiva. Velásquez descreve essa dimensão com precisão etnográfica. Velásquez (1960, p. 36, *apud* Valderrama Rentería, 2016, p. 222) descreve com precisão etnográfica como nesses poemas a voz adquire profundidade melancólica, com a riqueza tonal que denomina negredumbre.

Desde a perspectiva da Biblioteconomia Negra, essa oraliteratura é um sistema de preservação e acesso ao conhecimento: um arquivo vivo, coletivo e epistemologicamente coerente com as tradições negro-africanas. Não é uma forma menor frente à cultura escrita e à biblioteca tradicional, mas uma forma diferente, com seus próprios critérios de validade e seus próprios guardiões.

A negredumbre em Velásquez também articula uma dimensão de resistência oculta. Valderrama Rentería (2016) mostra como o termo, em *Las memorias del odio*, nomeia aqueles atos coletivos desenvolvidos por descendentes africanos para desafiar as estruturas de poder e construir solidariedades raciais na vida cotidiana, sem torná-las visíveis aos olhos de seus dominadores. Essa dimensão de arquivo clandestino é outra forma de prática biblioteconômica negra que o marco conceitual proposto deve ser capaz de capturar.

Valderrama Rentería (2016) propõe compreender a negredumbre, finalmente, como um recurso analítico para estudar a diáspora africana na Colômbia, além de seu uso meramente descritivo ou culturalista. Essa proposta é convergente com o argumento central deste trabalho: a Biblioteconomia Negra colombiana precisa de categorias analíticas próprias, ancoradas na realidade histórica e cultural do país, e a negredumbre, com sua carga filosófica, territorial e política, pode ser uma delas.

Há, além disso, um elemento de continuidade intelectual que o artigo de Valderrama Rentería (2016) ilumina e que é central para a pesquisa maior em curso. O autor sustenta que Teófilo Potes, Rogerio Velásquez e Delia Zapata Olivella desenvolveram conjuntamente uma política do folclore afrocolombiano que buscou afirmar uma identidade cultural e denunciar o racismo estrutural na Colômbia. Que Delia Zapata Olivella apareça nessa lista não é anedótico, pois sua prática de coleta, sistematização e transmissão do folclore negro colombiano, por meio do corpo dançante, do registro escrito e da instituição, constitui uma forma de Biblioteconomia Negra cuja dimensão epistemológica ainda aguarda reconhecimento como tal pela Ciência da Informação colombiana. Velásquez, Zapata Olivella e Delia conformam, em conjunto, o que Valderrama Rentería (2013) denomina o campo político-intelectual afrocolombiano, uma rede de intelectuais negros que, desde a primeira metade do século XX, produziram conhecimento situado desde epistemologias próprias, desde as margens da intelectualidade colombiana.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta fase da pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória e teórica, com perspectiva intercultural anticolonial, e emprega o método de análise documental comparada (Bardin, 2011), aplicado a três corpus. A escolha dos Estados Unidos e do Brasil como marcos comparativos não é arbitrária: correspondem, respectivamente, ao contexto onde o campo foi nomeado e institucionalizado pela primeira vez (Black Librarianship, desde a década de 1960) e ao contexto latino-americano onde a Biblioteconomia Negra alcançou maior desenvolvimento teórico e proximidade cultural, linguística e histórica com a Colômbia. Ambos oferecem, portanto, os antecedentes mais pertinentes para uma proposta situada no Sul global. Os critérios de seleção documental foram: (a) relevância temática direta para a Biblioteconomia Negra ou para as epistemologias afrodiaspóricas aplicadas à gestão do conhecimento; (b) para os textos fundacionais, o reconhecimento pela literatura do campo como obras seminais; (c) para a produção recente, publicação entre 2019 e 2025 em periódicos revisados por pares ou editoras acadêmicas. O primeiro corpus reuniu obras seminais e recentes de Black Librarianship e Biblioteconomia Negra (Josey, 1970, 1972; Sinnette, 1989; Garcês-da-Silva, 2019, 2023, 2025; Silva; Sales, 2024). O segundo corpus reuniu estudos afrocolombianos sobre gestão do conhecimento, memória e oralidade (Restrepo, 2005; Valderrama Rentería, 2013, 2016; Zapata Olivella, 1998; Velásquez Murillo, 1960). O terceiro corpus correspondeu à produção colombiana em Ciência da Informação, com foco na Revista Interamericana de Bibliotecología.

A análise se realizou em três momentos. No primeiro, procedeu-se à leitura sistemática de cada corpus mediante fichamento analítico, registrando para cada obra: conceito de Biblioteconomia Negra mobilizado, epistemologias de referência, práticas reconhecidas como biblioteconômicas e critérios de validade adotados. No segundo, realizou-se a análise comparada entre os três contextos a partir de quatro categorias de leitura — sujeito da prática, tipo de prática, espaço institucional e fundamento epistemológico —, com o objetivo de determinar quais elementos são transferíveis ao contexto colombiano e quais exigem conceituação própria. No terceiro, construiu-se a proposta de definição operacional, verificada mediante sua aplicação a experiências colombianas concretas.

A pesquisa se inscreve em uma epistemologia decolonial que reconhece o posicionamento das pessoas pesquisadoras como parte do método (Haraway, 1988). Consequentemente, a ausência de referências sobre Biblioteconomia Negra nos registros colombianos não é interpretada como evidência de inexistência, mas como efeito do racismo estrutural nos sistemas de registro e na academia.

4 POR QUE NOMEAR A BIBLIOTECONOMIA NEGRA NA COLÔMBIA? RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de propor a definição, é necessário responder a uma possível objeção: se as práticas existem, para que o nome? No campo da Ciência da Informação, o que não tem nome está invisibilizado nos sistemas de classificação, ausente nas linhas de pesquisa, não gera formação profissional e não orienta políticas públicas. Assim, nomear a Biblioteconomia Negra na Colômbia é uma condição para que ela possa ser estudada, ensinada e reconhecida institucionalmente, e para incorporar à formação de bibliotecários as epistemologias negro-africanas, a teoria racial e as epistemologias afrocolombianas.

Há, além disso, uma dimensão de justiça epistêmica. Durante décadas, as comunidades negras colombianas foram estudadas, classificadas, descritas como objeto da Ciência da Informação sem serem reconhecidas como produtoras de teoria. A Biblioteconomia Negra inverte essa relação, pois não é um campo sobre as comunidades negras, mas *desde elas* e *com elas*.

4.1 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE UMA BIBLIOTECONOMIA NEGRA COLOMBIANA

Antes de enunciar as dimensões constitutivas, é necessário delimitar o que torna uma prática propriamente biblioteconômica, e não apenas educativa, memorial, ritual ou

patrimonial. Nem toda prática de preservação cultural realizada por comunidades negras é, por si só, biblioteconômica. Propõe-se, como critério de demarcação, que uma prática seja considerada biblioteconômica quando reúne três operações características do campo: (a) a organização intencional de um acervo de conhecimento (oral, escrito, territorial ou ritual) segundo alguma lógica de ordenação reconhecível pela comunidade; (b) a preservação deliberada desse acervo com vistas à sua permanência no tempo; e (c) a mediação do acesso, isto é, a existência de sujeitos responsáveis por transmitir e franquear esse conhecimento a outros membros da coletividade. É a convergência dessas três operações que define o caráter biblioteconômico de uma prática, independentemente de ocorrer em uma instituição chamada biblioteca.

A análise documental e comparada permite identificar quatro dimensões constitutivas para o contexto colombiano. A primeira se refere à **dimensão histórica da prática**, haja vista que as pessoas negras na Colômbia exerceram funções de coleta, organização, preservação e transmissão de documentos e conhecimentos ao longo da história do país, tanto em espaços institucionais formais quanto em espaços comunitários não formais. Essa prática precede a biblioteca como instituição moderna e não pode se limitar a ela. A segunda se vincula à **dimensão epistemológica negro-africana e afrodiaspórica**, o que implica reconhecer que as comunidades NARP possuem formas próprias de conceber o que é o conhecimento, o que merece ser preservado e como deve ser transmitido, e que essas formas não são versões vulneráveis da epistemologia biblioteconômica ocidental, mas tradições com seus próprios critérios de validade. Por exemplo, o lumbalú em San Basilio de Palenque (cerimônia fúnebre que funciona simultaneamente como arquivo da memória coletiva) é um ato biblioteconômico desde essa perspectiva. O território nas comunidades negras do Pacífico é um documento vivo por ser reconhecido pela Lei 70 de 1993 (Colômbia, 1993) como elemento constitutivo da identidade coletiva. E o *decimero* e o *alabaero* são guardiões do conhecimento no sentido mais profundo do termo.

A dimensão **crítica frente às estruturas raciais** é a terceira, na qual a Biblioteconomia Negra colombiana não pode ser simplesmente descritiva, mas, sim, deve questionar os sistemas que determinaram quem podia ser bibliotecária, que conhecimento merecia ser preservado e quais epistemologias são reconhecidas como legítimas na disciplina. Por fim, a quarta é a **dimensão de conhecimento acadêmico situado**, haja vista que as pessoas negras têm o direito e a capacidade de produzir teoria em Ciência da Informação desde suas próprias experiências e

epistemologias, com plena validade acadêmica. Esse elemento distingue uma Biblioteconomia Negra, que produz conhecimento, de uma biblioteconomia *sobre* o negro, que apenas o descreve. O conceito de conhecimento situado (Haraway, 1988) é aqui central, por considerar que todo conhecimento é produzido a partir de um lugar específico, e nomear esse lugar é um ato de honestidade intelectual, não de parcialidade.

4.2 PROPOSTA DE DEFINIÇÃO

A partir da análise anterior, propõe-se a seguinte definição operacional, sujeita a revisão nas fases subsequentes da pesquisa:

A Biblioteconomia Negra na Colômbia é o conjunto de práticas, saberes e produção de conhecimento mediante os quais pessoas negras, afrocolombianas, palenqueras y raizales, coletaram, organizaram, preservaram, produziram ou mediaram o acesso a documentos, coleções e conhecimentos, fundada em e orientada por epistemologias negro-africanase afrodiaspóricas. Compreende tanto as práticas institucionais quanto as não institucionais, reconhecendo como válidas as formas de registro, transmissão e custódia do conhecimento próprias das comunidades negras — orais, territoriais, rituais e escritas — ao longo da história do país. Inclui também a produção de conhecimento acadêmico situado nessas epistemologias, reconhecendo as pessoas negras e afrocolombianas não apenas como sujeitos de estudo da Ciência da Informação, mas como produtoras de teoria desde seus próprios marcos de compreensão do mundo e da memória. Em sua dimensão crítica, questiona as estruturas raciais que determinaram quem pode ser bibliotecário/a, quais formas de conhecimento merecem ser preservadas, quais comunidades têm direito ao acesso e quais epistemologias são reconhecidas como legítimas no campo.

Essa proposta tem três características que a distinguem das existentes para os contextos estadunidense e brasileiro. Inicialmente, sua *amplitude histórica* ao incluir as práticas não institucionais, permite rastrear a Biblioteconomia Negra colombiana desde o período colonial. Posteriormente, seu *fundamento epistemológico explícito* ao nomear as epistemologias negro-africanas e afrodiaspóricas como fundamento, e não apenas como contexto, afirma que o campo possui suas próprias categorias de validade, distintas da tradição biblioteconômica ocidental. Por fim, sua *dimensão produtiva* ao incluir a geração de conhecimento acadêmico situado, abre um espaço para que pessoas negras, afrocolombianas, palenqueras e raizais colombianas sejam reconhecidas como teóricas do campo, não apenas como praticantes ou como objetos de estudo.

4.3 EXPERIÊNCIAS COLOMBIANAS COMO EVIDÊNCIA PRELIMINAR DA BIBLIOTECONOMIA NEGRA COLOMBIANA

A definição proposta pode ser aplicada a experiências concretas já identificadas na exploração documental, que funcionam como evidência preliminar de que o campo existe na Colômbia, embora não tenha sido nomeado como tal.

Rogerio Velásquez Murillo (1908–1965), etnógrafo e historiador chocoano, realizou a única tentativa conhecida de antologia de autores negros colombianos (que permaneceu inédita) e compilou ao longo de sua vida um corpo sistemático de conhecimento sobre a cultura e a história do Chocó. Sua prática de coletar, classificar e preservar o conhecimento afrocolombiano, orientada por uma consciência explícita de seu valor para as comunidades negras, constitui um exercício de Biblioteconomia Negra no sentido proposto, embora Velásquez jamais se denominasse *bibliotecólogo*. Sua figura será objeto de análise mais detalhada na Fase 2 da pesquisa maior.

Em termos das quatro dimensões, o caso de Velásquez atende com clareza a histórica (coleta e organização documental), a crítica (consciência explícita do valor político do conhecimento negro) e a de produção situada (sua obra etnográfica); a dimensão epistemológica negro-africana permanece a confirmar mediante o estudo aprofundado de seus critérios de organização.

O *Centro de Información de San Basilio de Palenque*, criado com *o Ministerio de Cultura* e o *Archivo General de la Nación*, gerencia registros documentais e históricos da comunidade *palenquera* articulando o arquivo institucional com as formas próprias de memória, o que inclui o lumbalú e a transmissão oral. Essa articulação entre o documento ocidental e a epistemologia própria é precisamente o que a definição proposta busca capturar.

Este caso é o que articula de modo mais completo a dimensão epistemológica negro-africana (o lumbalú como lógica própria) com a histórica e a de mediação institucional; sua dimensão crítica e de produção acadêmica situada dependerá de como a própria comunidade participe da sistematização.

A Biblioteca de Mujeres Negras (#BibliotecadeMujeresNegras), com sede na Colômbia, constrói uma coleção de literatura escrita por mulheres negras desde uma perspectiva explicitamente afrocentrada e feminista negra, a qual conecta a gestão do conhecimento com a pedagogia emancipatória. Essa iniciativa produz conhecimento situado desde as epistemologias das mulheres negras latino-americanas, cumprindo, assim, a quarta dimensão da definição proposta. Trata-se do caso que melhor evidencia a dimensão de produção de conhecimento situado e a crítica, embora sua dimensão histórica seja, por ser uma iniciativa recente, ainda incipiente.

Cabe reconhecer um risco inerente a este exercício: nomear como Biblioteconomia Negra práticas de sujeitos que não se reconheciam nessa categoria pode reparar invisibilizações

históricas, mas também pode impor uma classificação disciplinar contemporânea de forma retrospectiva e externa. Assumimos essa tensão de maneira explícita. A atribuição aqui proposta não pretende afirmar que Velásquez Murillo ou as guardiãs do lumbalú se pensassem como bibliotecárias, mas reconhecer, à maneira do que a história intelectual faz ao ler Schomburg como bibliógrafo avant la lettre, que suas práticas cumpriam funções biblioteconômicas segundo os critérios enunciados. Trata-se de um reconhecimento situado e provisório, não de uma apropriação: as fases de campo darão voz às próprias comunidades para que confirmem, matizem ou recusem essa nomeação, evitando que a categoria opere como imposição acadêmica sobre práticas comunitárias.

Essas três experiências são provisórias e parciais o trabalho de campo das fases seguintes permitirá ampliar, contrastar e precisar o mapa da Biblioteconomia Negra Colombiana. No entanto, são suficientes para demonstrar que a definição proposta não é uma construção abstrata, mas uma ferramenta analítica com conexões na realidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta que intitula este trabalho, nesta fase inicial da pesquisa, não pode ser respondida de forma conclusiva, mas permite formular uma hipótese forte e teoricamente fundamentada: é plausível sustentar a existência de uma Biblioteconomia Negra na Colômbia, ainda que não nomeada como tal, cuja verificação empírica constitui precisamente o objeto das fases subsequentes. Suas práticas constitutivas — que envolvem a gestão, preservação e transmissão de conhecimento por pessoas negras desde epistemologias negro-africanas e afrodiaspóricas — apresentam-se, ao longo da história do país, como indícios que as fases arquivística e de campo deverão confirmar, matizar ou refutar., embora não tenha sido nomeada como tal. Suas práticas constitutivas, que envolvem a gestão, preservação e transmissão de conhecimento por pessoas negras desde epistemologias negro-africanas e afrodiaspóricas, estiveram presentes ao longo da história do país, em espaços institucionais e comunitários, em formas escritas, orais, territoriais e rituais.

A contribuição central deste artigo é uma definição operacional que integra quatro dimensões (prática histórica, fundamento epistemológico, dimensão crítica e produção de conhecimento situado), projetada para ser historicamente sensível, epistemologicamente coerente com a realidade colombiana e metodologicamente útil para as fases subsequentes da pesquisa maior. Essa proposta é, por definição, um ponto de partida sujeito a discussão. As fases

2, 3 e 4 da pesquisa colocarão à prova, ampliarão e, eventualmente, revisarão os elementos conceituais aqui propostos. Em particular, as entrevistas com atores afrocolombianos no campo da informação permitirão contrastar se a definição ressoa com as formas pelas quais essas comunidades compreendem suas próprias práticas de gestão do conhecimento.

Uma implicação direta para a Ciência da Informação colombiana está na necessidade de incorporar a perspectiva racial como categoria analítica na pesquisa, no ensino e na política biblioteconômica. A ausência dessa perspectiva nas publicações e nos currículos não é um esquecimento acidental, mas, sim, efeito de uma estrutura racial que definiu quais perguntas merecem ser feitas e quais sujeitos merecem ser reconhecidos. Nomear a Biblioteconomia Negra na Colômbia é, nesse sentido, um ato político e epistemológico ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

COLOMBIA. **Ley n.º 70 de 1993**. Por la cual se desarrolla el artículo transitorio 55 de la Constitución Política. Bogotá: Congreso de Colombia, 1993. Disponível em: https://www.funcionpublica.gov.co/eva/gestornormativo/norma.php?i=7388. Acesso em: 1 jun. 2026.

COLOMBIA. **Biblioteca de Literatura Afrocolombiana**. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2010. 18 v.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/. Acesso em: 1 jun. 2026.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO NACIONAL DE ESTADÍSTICA. **Resultados para población negra, afrodescendiente, raizal y palenquera**: Encuesta Nacional de Calidad de Vida (ECV) 2024. Bogotá: DANE, 2025.

GARCÊS-DA-SILVA, Franciéle Carneiro. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1047. Acesso em: 1 jun. 2026.

GARCÊS-DA-SILVA, Franciéle Carneiro. **Biblioteconomia Negra**: das Epistemologias Negro-Africanas à Teoria Racial Crítica. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

GARCÊS-DA-SILVA, Franciéle Carneiro. La línea tenue que une y separa: fundamentos teórico-conceptuales entre Bibliotecología Negra y Bibliotecología Antirracista. **Palavra Clave**, La Plata, v. 15, n. 1, 2025. Disponível em: https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe242. Acesso em: 1 jun. 2026.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, [*s.l.*], v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

JOSEY, Elonnie Junius (org.). **The Black librarian in America**. Metuchen: Scarecrow Press, 1970.

JOSEY, Elonnie Junius (org.). **What Black Librarians are saying**. Metuchen: Scarecrow Press, 1972.

MINA ARAGÓN, William. Afrocolombianos: patrimonio humano de la nación. *In*: MINA ARAGÓN, William (ed.). **Biblioteca Afrocolombiana de las Ciencias Sociales**. Cali: Universidad del Valle, 2023. v. 1.

RESTREPO, Eduardo. **Políticas de la teoría y dilemas en los estudios de las colombias negras**. Popayán: Universidad del Cauca, 2005.

SILVA, Andréia Sousa da; SALES, Rodrigo de. Encruzilhando saberes: apontamentos críticos para uma Biblioteconomia interseccional. **Palavra Clave**, La Plata, v. 14, n. 1, e232, 2024. Disponível em: https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe226. Acesso em: 1 jun. 2026.

SINNETTE, Elinor Des Verney. **Arthur Alfonso Schomburg**: Black Bibliophile and Collector. New York: New York Public Library; Wayne State University Press, 1989.

VALDERRAMA RENTERÍA, Carlos Alberto. Folclore, raza y racismo en la política cultural e intelectual de Delia Zapata Olivella: el campo político-intelectual afrocolombiano. **Revista CS**, Cali, n. 12, p. 261-296, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-03242013000200009. Acesso em: 1 jun. 2026.

VALDERRAMA RENTERÍA, Carlos Alberto. Intelectualidad crítica afrocolombiana: la negredumbre en el pensamiento intelectual de Rogerio Velásquez Murillo. **Nómadas**, Bogotá, n. 45, p. 215-227, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502016000200015. Acesso em: 1 jun. 2026.

VELÁSQUEZ MURILLO, Rogerio. Adivinanzas del Alto y Bajo Chocó. **Revista de Folklore**, Bogotá, n. 5, p. 103-129, 1960.

ZAPATA OLIVELLA, Manuel. La negredumbre en García Márquez. *In*: CONGRESO NACIONAL DE LITERATURA, LINGÜÍSTICA Y SEMIÓTICA, 20., 1998, Bogotá. **Memorias**: Cien años de soledad, treinta años después. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo; Universidad Nacional de Colombia, 1998. p. 107-112.